



EXÍLIO E DIPLOMACIA DURANTE O STRONISMO: INTELECTUAIS PARAGUAIOS DE DIREITA NA CONSTRUÇÃO DO CONSENSO E LEGITIMAÇÃO DA DITADURA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3622

Marcela Cristina Quinteros, PUC/SP

Resumo

Com a chegada de Alfredo Stroessner ao poder no Paraguai, em 1954, muitos intelectuais partiram para o exílio por diversas razões. Um grupo em particular, constituído por membros do Partido Colorado, constitui o objeto desta apresentação. Se bem Stroessner chegou ao poder com o apoio deste partido, muitos de seus filiados encontravam-se exilados no exterior ou abandonaram o país após o golpe de 1954. Alguns deles, que tinham exercido alguma função no governo nacional antes de Stroessner, permaneceram no exterior continuando com suas atividades intelectuais, mas também vinculados ao stronismo que os nomeou embaixadores em diversos países durante a primeira década da ditadura. O objetivo desta apresentação é tentar compreender a aparente contradição entre a condição de exilados e a de representantes diplomáticos do stronismo destes intelectuais. A partir da análise da correspondência de dois intelectuais colorados, Víctor Morínigo e Juan Natalicio González – quem fora presidente do Paraguai entre 1948-1949 – se analisarão as estratégias de supervivência política destes dois colorados que, no âmbito privado, reivindicavam seu anti-stronismo, mas que publicamente – entanto representantes oficiais do Paraguai – defendiam o stronismo como um governo democrático. A principal ferramenta de luta de “resistência” ao regime era a escrita – epistolar, ensaística, editorial. Mas, a convivência com o poder central em Assunção lhes assegurava um sustento econômico e a fantasia de um retorno à cena política nacional.

Palavras Chave:

Stronismo; Intelectuais;
Exílio; Diplomacia.

Introdução

O Partido Colorado paraguaio – atualmente no governo – chegou ao poder em 1946 por vias tortas: pressionada pelos EUA, a longa ditadura do general Higinio Morínigo (1940-1948) abriu seu gabinete com a incorporação de colorados, em vista de uma futura abertura democrática. Desde então e excetuando a presidência de Fernando Lugo (2008-2012), o Partido Colorado domina a cena política nacional. A tradicional imagem de um Paraguai instável contrasta com uma realidade histórica de permanências.

Localizado no “coração da América do Sul”, equidistante das capitais das nações vizinhas, o país mediterrâneo representou a estabilidade na região durante a segunda metade do século XX. A longevidade da ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989) se explica por inúmeros fatores. O historiador inglês Andrew Nickson enumerou cinco: uma fachada democrática, um eficiente sistema repressivo, a corrupção institucionalizada, o uso de uma ideologia nacionalista e o apoio norte-americano. Outros autores, como Neri Farina, salientam o poder da aliança/trilogia exército/partido/governo. Porém, alguns autores tem se questionado se estes elementos são característicos apenas do stronismo.

Com intensidades diferentes, eles estão presentes no Paraguai anterior e posterior a Stroessner, e tem suas raízes na violência política da primeira metade do século XX. Algumas práticas dessa violência política levaram à repressão, exílios, assassinatos, desaparecimentos, guerras civis... Outras, levaram à construção de um “consenso” mínimo que deu legitimidade à violência política em geral e ao stronismo em particular.

Um papel fundamental para a construção desse consenso coube aos diplomatas. Seguindo uma tradição iniciada antes do stronismo e comum à maioria dos países latino-americanos, a

seleção dos membros do corpo diplomático era feita entre escritores e artistas de renome internacional. A prática era um mecanismo de benefício mútuo em que os Estados nacionais aproveitavam o prestígio dos intelectuais para que, “a partir da influência de seus nomes, somassem afetos” e “credibilidade” aos países que representavam. Por outro lado, esses intelectuais passavam a contar com uma fonte de recursos estável, atuando o Estado como um grande mecenas das artes (YANKELEVICH, 2007: p.92-93).

A particularidade da diplomacia paraguaia, principalmente durante o stronismo, foi o modo em que os “acordos” se estabeleceram entre intelectuais e Estado para representar os interesses internacionais do país. Por um lado, Stroessner soube manter em seu gabinete, durante décadas, integrantes fieis, confiáveis e eficientes. Um deles foi o ministro das Relações Exteriores, Raúl Sapena Pastor, que se manteve à frente do ministério durante duas décadas (1956-1976). Por outro, Stroessner aplicou um mecanismo já utilizado anteriormente, que era nomear os adversários internos de seu partido em embaixadas distantes de Assunção como uma forma de limpar o cenário político local de figuras que poderiam questionar seu poder.

A partir da leitura e análise da correspondência entre dois diplomatas de Stroessner, Víctor Morínigo e Juan Natalicio González, se indagará sobre o modo em que foi viabilizada a prática política de enviar os adversários partidários a embaixadas distantes da capital paraguaia. Ambos eram intelectuais destacados do Partido Colorado, de transcendência internacional por seu papel na difusão do revisionismo paraguaio a nível continental. Ambos tinham tido uma participação essencial e estratégica durante o governo de Higinio Morínigo e, inclusive, González tinha sido eleito presidente do país em 1948. O percurso da política paraguaia os havia levado ao exílio em 1949, após o golpe de Estado que

derrocou González, podendo regressar ao país somente após 1955.

Seguindo as considerações de Ángela de Castro Gomes, as cartas serão consideradas como “um lugar de sociabilidade fundamental e revelador da dinâmica do campo cultural de um dado período” (GOMES, 2004: p.52). A autora identifica, basicamente, dois tipos de correspondência: um, está integrado pelas cartas que servem como instrumento de construção de redes, enquanto que o segundo está composto por missivas de amizade intelectual, de caráter mais informal e interessante, pela evocação de sentimentos, além da troca de ideias e favores (GOMES, 2004: p.54). É nesta segunda categoria que se inscrevem as missivas entre Víctor Morínigo e González.

Dois intelectuais “antistronistas” como diplomatas do stonismo

Talvez a faceta mais conhecida do stonismo seja o tratamento dado aos “inimigos” da ditadura, justamente por ser um dos aspectos mais pesquisados nas últimas duas décadas. Os colorados, incluindo Stroessner, diferenciavam entre “inimigos” e “adversários” do regime. Os primeiros compreendiam os opositores que pertenciam a outros partidos (comunista, liberal, franquista) como a movimentos sociais que questionavam, por diversos meios, o governo de Stroessner. Os segundos eram os colorados que pertenciam a linhas internas opositoras dentro da estrutura partidária e que tinham suas próprias aspirações políticas.

O stonismo não permitiu a sobrevivência de seus inimigos – empurrando-os ao exílio, à cadeia ou à morte –, mas se ocupou de “silenciar” as vozes adversárias dentro do coloradismo. Para Alfredo Seiferheld, o triunfo político de Stroessner radicava nos erros de seus adversários políticos, “vítimas” de Stroessner que foram “convertidas em uma sorte de cúmplices de seus vitimários

por obra do silêncio” (SEIFERHELD e TONE, 1988: p.17). Esta cumplicidade operou favoravelmente para a construção quase diária do “consenso” e o “apoio” ao stonismo. Mas para chegar neste ponto, os dois primeiros anos de Stroessner na presidência foram fundamentais para a neutralização de seus potenciais rivais políticos dentro do coloradismo.

Muitas razões explicam a ascensão de Stroessner ao poder. Uma delas é a divisão interna do Partido Colorado em democratas (liderados por Federico Chaves) e *guiones rojos* (grupo criado por González), inimigos irreconciliáveis. Porém, esta atomização, carregada de violência, podia prejudicar a continuidade do governo de Stroessner. A astúcia deste permitiu convocar um “reencontro” partidário em 25/10/1955, que não foi mais do que um pacto de não agressão entre *guiones* e democratas, cedendo espaço à nova etapa do “coloradismo com Stroessner” (PRIETO YEGROS, s/d).

Segundo Neri Farina (2011), a estratégia de Stroessner era preparar a desarticulação do *Guión Rojo*, dos democratas e dos *epifanistas* – partidários do colorado Epifanio Mendez Fleitas, figura carismática identificada como o “Perón paraguaio”. O autor afirma que seria mais fácil manter o controle sobre uma frente colorada unida do que sobre vários grupos enfrentando-se. Stroessner desintegrou o *epifanismo* e o *Guión Rojo* à base de intrigas e de um férreo controle sobre o Partido. Em 1959, com o fechamento do Parlamento – integrado só por colorados – e com o esvaziamento do Partido Colorado, Stroessner conseguiu limpar o espectro político, removendo todos os adversários políticos de dentro do coloradismo.

Para Neri Farina e Boccia Paz (2011), a dissolução do parlamento foi um autogolpe. A decisão foi em resposta à “ousadia” de um grupo de dirigentes colorados de apresentarem a “Nota dos 17”, do 12/03/1959, em que solicitavam o

levantamento do estado de sítio, uma lei de anistia geral e a liberdade de imprensa, entre outros pontos. Os 17 assinantes da nota partiram para o exílio e Stroessner eliminou o último vestígio de oposição interna do Partido Colorado.

Uma das primeiras vitórias de Stroessner foi o silenciamento da voz de seu principal adversário dentro coloradismo, Epifanio Méndez Fleitas, enviado a uma missão cultural na Europa, da qual nunca mais pôde regressar ao país. Outros, que já estavam no exterior como González e Víctor Morínigo, também não conseguiram voltar e foram mantidos longe do Paraguai. Eram “exilados políticos”, que não estavam “fisicamente” no Paraguai e cujas vozes foram omitidas definitivamente do cenário político nacional. Porém, no exterior, não se manifestaram contra o stronismo, muito pelo contrário, após 1956 passaram a defendê-lo.

Víctor Morínigo (1898-1981) e Juan Natalicio González (1897-1966) eram os fundadores do *Guión Rojo*, uma corrente interna do coloradismo surgida na década de 1940 com o objetivo expresso de recuperar o governo nacional para o partido. Os mecanismos utilizados – como a formação de uma força paramilitar e a violência aplicada contra os ditos “inimigos” – permanecem na memória dos paraguaios e levam aos historiadores a identificar o movimento com os “camisas negras” de Mussolini.

Porém, a intervenção política de ambos escritores é mais complexa e vai além da existência do *Guión Rojo*. Ambos mantiveram uma conexão epistolar que só foi interrompida com a morte de González, em 1966. Após o golpe que o derrocou da presidência, González radicou-se no México, em 1950, onde se desempenhou como embaixador entre 1956 e 1965. Por sua parte, Morínigo perambulou por vários países da América e da Europa, na qualidade de exilado e/ou embaixador. Em várias ocasiões, tentou se estabelecer definitivamente no Paraguai,

mas, sem sucesso, viu-se compelido a aceitar as sucessivas designações como embaixador no Peru (1956-1959), na Venezuela (1959-1960) e na Itália (1960-1963). Excetuando algumas raras ocasiões em que se encontraram pessoalmente, entre 1950 e 1965, ambos mantiveram sua amizade pessoal, intelectual e política por meio das missivas.

As cartas compreendem o período de 1950 a 1965, coincidindo com os anos em que González viveu no México. Foram quinze anos de trocas periódicas: em alguns momentos, tinham se proposto manter uma comunicação semanal; em outros, a escrita era diária; porém, há lapsos maiores, nos quais a correspondência se interrompe. Mesmo sendo possível pensar em seu extravio, ambos escritores reclamavam reciprocamente da falta de notícias.

Os dois amigos explicitavam a necessidade de sustentar o vínculo epistolar periódico para se manterem informados do que acontecia no Paraguai, mas também era um mecanismo de diminuir os sentimentos de “isolamento” e “saudades”. Somado ao “relatório da situação no Paraguai”, algumas cartas oferecem ideias e/ou planos de ação para mudar, manter ou reverter alguma circunstância no exílio, no Partido Colorado ou na política paraguaia. Mas tudo isto era feito com um rigoroso cuidado, para evitar que as cartas caíssem nas mãos “equivocadas”, refletindo uma preocupação obsessiva com a possibilidade de as cartas se extraviarem. O sigilo era extremo, mas sem interromper a periodicidade.

Tamanho cuidado reflete a apreensão desses intelectuais serem vigiados o tempo todo, porque viam os tentáculos do Estado paraguaio, nas mãos de adversários políticos – primeiro sob a presidência de Federico Chaves (1949-1954) e, depois, sob o governo de Stroessner –, agindo dentro e fora das fronteiras do Paraguai, independentemente de serem exilados ou

representantes diplomáticos desse mesmo Estado.

Neste contexto, González preocupou-se, essencialmente, com três temporalidades de sua vida: a fase do exílio – seu presente –; o momento para agir – seu futuro imediato – e a posteridade – seu futuro pós-morte. Estas temporalidades se entrecruzam permanentemente na escrita. Já Morínigo deixa transparecer a todo momento que sua preocupação era regressar ao Paraguai: além das saudades, Morínigo se preocupava com o futuro imediato que para ele representa a possibilidade de recuperar o espaço político perdido dentro da estrutura partidária.

A linguagem utilizada nas missivas reflete a afetividade e a proximidade dos dois escritores. Sem dúvida, é uma narrativa muito próxima da linguagem oral. Porém, apesar dessa proximidade verbal, o estilo de González é mais reservado – ou menos “espontâneo” – que o de Morínigo. Quando este último escrevia ao primeiro, descrevia detalhadamente situações domésticas, sua saúde e a falta de recursos financeiros, assim como expunha sua impaciência por voltar ao Paraguai e recobrar o protagonismo do *Guión Rojo*.

Pelo contrário, González não fez referência a assuntos domésticos e/ou conjugais; e em relação à questão financeira, quando menciona perceber um salário como embaixador, é para ironizar seu exílio “assalariado”. Ao se referir sobre a situação interna do Paraguai e o que deveria ser feito, o ex-presidente do Paraguai se situa na posição de líder, acalmando o amigo e dando as diretrizes de ações futuras. Diante da proposição de funções de liderança, Morínigo era esquivo, argumentando se considerar um dirigente de segunda linha. Isso não lhe impedia de fazer sugestões, críticas e propostas a González; mas era este quem, com grande sutileza, aceitava, rejeitava e/ou aprovava as ideias do amigo. Como exemplo, perante a ideia de Morínigo de

pedir sua demissão da embaixada no Peru, González lhe aconselhava a continuar em Lima, “porque essa nossa ausência é o melhor serviço que podemos dar agora à nossa causa” (Carta de 03/09/0957). A ausência a que se referia González era o distanciamento físico e político do Paraguai. Como presidente derrocado, ele sempre reivindicou sua condição de exilado. Como conciliar a condição de desterrado se era representante diplomático de seu país?

Não há uma menção direta sobre o exílio nas cartas escritas até 1956. Após esta data, González era mais explícito: entendia que havia sido objeto de calúnias desde sua saída do Paraguai, responsabilizando a Federico Chaves e seu aliado argentino, Juan Domingo Perón. Porém, naquele momento e dadas as “circunstâncias”, sua melhor contribuição e estratégia era o silêncio: “Hoje me calo, e penso manter meu mutismo enquanto não me firam”, pelo bem do partido e do país (Carta de 26/12/1956).

O exílio era visto em sua dupla face: sua existência longe da terra natal, por um lado, e sua ausência da cena política paraguaia, pelo outro. Se ele era obrigado a permanecer no México, era consciente da progressiva perda de espaço político na vida nacional paraguaia. Ainda assim, para manter o *status quo* de embaixador e para não potenciar sua “ausência/desprestígio político” no Paraguai, González insistia em manter um perfil discreto.

Trabalhar na embaixada era, segundo González, uma forma de servir a seu país, embora não contasse com a “colaboração de Assunção”. Dito “serviço” era complementado com o serviço intelectual. Se González tinha concordado em aceitar uma embaixada no marco de expulsão *stromista*, sentia necessidade de se justificar diante da posteridade. Por outro lado, ele se referia metaforicamente aos motivos que Stroessner teria para mantê-lo distante do Paraguai: “O alemão é tão desconfiado

quanto um galo zarolho. Ele não tem antipatia da gente: o que ele tem é medo de nós, alimentado pelos chavistas” (Carta de 02/08/1960).

A narrativa mais espontânea, menos medida, de Morínigo permite reconstruir os mecanismos utilizados pelo governo de Stroessner e pela Junta de Governo do Partido Colorado para manter os adversários não só fora do território paraguaio, como também longe de suas fronteiras: nomeação dos adversários como embaixadores em países não limítrofes; atraso no pagamento dos salários; não pagamento de passagens e de diárias de viagens; espionagem interna nas embaixadas; difusão de boatos como possíveis traslados dos embaixadores; esperas prolongadas nos países de trânsito até a efetiva nomeação no lugar de destino – a espera não podia ser feita no Paraguai, sendo “aconselhados” a abandonar o país –; superposição de embaixadores numa mesma embaixada e momento; não envio de passagens de retorno para o Paraguai quando finalizada a função diplomática.

Da correspondência entre González e Morínigo se depreende que ambos tinham as três obsessões enumeradas por González Delvalle (2011): o Partido Colorado, o adversário Federico Chaves e o Partido Comunista. As três aparecem nas cartas, mas com um peso diferente. As disputas internas do Partido Colorado cobram maior importância que o governo de Stroessner ou o temor ao avanço do comunismo no contexto da Guerra Fria.

A aversão de González e Morínigo por Chaves, líder dos colorados democratas, ocupa um lugar predominante nas cartas anteriores a 1954, quando foi derrocado pelo golpe de Estado liderado por Stroessner. A animosidade contra os chavistas é evidente ao serem denunciados como peronistas e/ou comunistas. Assim, nas missivas anteriores a 1954, a preocupação era organizar a oposição no exílio, majoritariamente residente na cidade

argentina de Clorinda, distante a tão só 4 km da capital do Paraguai.

Após a queda de Chaves, a postura de González passou a ser de cautela: ao silêncio auto imposto, recomendava não agir de nenhuma maneira no Paraguai. Sem dúvida, a queda de Chaves e a sua posterior nomeação como embaixador na França, na Bélgica e na Espanha, entre 1955 e 1962, devem ter dado o sabor de uma amarga vingança executada por Stroessner. Apesar de não guardar admiração pelo “alemão” ou “galo zarolho”, González manifestava que:

No teníamos ninguna otra solución. Ningún amigo... duraría en el poder más de quince días, pues, si bien nos sobra pueblo, no tenemos el control de los cuarteles. Un presidente chavista sería la vuelta a las andadas. Stroessner, que probablemente no nos quiere, es para nosotros la única garantía de que la unidad colorada se consolide (Carta de 14/04/1957).

O protagonismo do Partido Colorado na política nacional e a exclusão do chavismo eram essenciais para os dois amigos. Mesmo ambos tendo apresentado diversos “planos de ação” ao longo dos quinze anos de correspondência, em geral, González reiterou seu “conselho” de não conspirar contra Stroessner: este não era um mal em si mesmo, senão um sintoma do mal chavista. No lugar de conspirar, ele propunha “uma higiene mental” de “nossos amigos que, arrastados pela propaganda chavista, identificam erroneamente as causas do mal”, para depois hegemonizar o grupo que servia de suporte partidário a Stroessner (Carta de 24/06/1959).

Para González, a única ação possível sob a hegemonia *strossnista* era a execução de soluções para o “problema camponês”, através da distribuição de terras, ferramentas e créditos. Isso seria “um freio para o chavismo, de mentalidade e procedimentos liberais, que despoja os camponeses de todos seus

direitos” (Carta de 05/08/1959).

Porém, apoiar Stroessner trazia sérias contradições e o distanciamento de antigos aliados latino-americanos. Como embaixadores, os intelectuais paraguaios tinham a missão de “limpar” a imagem do governo *stronista*, acusado de ditatorial e repressor. Oficialmente, Morínigo e González defendiam o governo paraguaio aludindo ter sido eleito democraticamente. Extraoficialmente, ambos apresentavam-se como diplomatas colorados não *stronistas*. Nas missivas, González enumerava suas recomendações para reverter a má imagem do governo paraguaio: levantar o estado de sítio, revogar a Lei de Defesa do Estado e convocar uma Assembleia Constituinte.

Nas últimas cartas, González deixava transparecer o desejo de o governo de Stroessner chegar a seu fim, mas ao mesmo tempo, parecia entender que as regras do jogo político tinham mudado e que os *guiones rojos* estavam “ausentes” desse jogo. Contrário a conspirações e favorável a dar apoio condicionado a Stroessner, argumentava que:

La eliminación de Stroessner, en un momento en que el comunismo cuenta con un apoyo internacional poderosísimo, y en que en el coloradismo proliferan ambiciosos incultos y sin ideas, sin envergadura de estadistas, provocaría una crisis más grave que la que estalló a raíz de mi eliminación de la presidencia.

Stroessner a mí me odia profundamente, y probablemente a ti también, pero eso no cuenta. Lo que nos interesa es el Paraguay y no nosotros. Sobre estas realidades hay que esbozar una política constructiva (Carta de 14/01/1965).

Entre as condições figuravam recuperar a presidência do Partido Colorado e a implementação de mudanças na agricultura e na vida dos camponeses. Em outras palavras, respeitando o

governo de Stroessner, pretendiam recuperar o poder partidário e a base eleitoral dos *guiones rojos*. A preocupação de González com os camponeses era cara para González, não só para preservar seu caudal eleitoral, diante de uma possível volta ao jogo político, como “modernizar” o país, com a inclusão desses setores ao mercado, e para construir a imagem de intelectual e político comprometido com os setores sociais mais desfavorecidos.

A decisão de guardar “silêncio” durante seu último exílio, para se dedicar exclusivamente à atividade intelectual e para servir a seu povo, através de seu trabalho na embaixada, era uma tentativa de González para consolidar seu prestígio como escritor e erudito, responsável pela difusão da história e da geografia do povo paraguaio. Se a história recompensaria González, reconhecendo sua obra e seu sacrifício pessoal em prol do país, não faria o mesmo com alguns opositores, que “estão tendo um final sem glória e sem honra” (Carta de 23/03/1960). Dizia preferir “morrer no exílio a se misturar com essa gente” (Carta de 02/08/1960). À ideia de uma vida dedicada à causa do povo colorado, somava-se a necessidade de construir a imagem de honestidade, dedicação desinteressada e incorruptibilidade.

Até sua nomeação como embaixador, em 1956, este epistolário sugere um González obsessivo com o fato de seu principal adversário partidário, Federico Chaves, estar no controle do executivo no Paraguai e planejava seu regresso para recuperar o protagonismo no contexto mais amplo da política nacional. Após 1956, começava a dar sinais de perceber que o jogo político tinha mudado substancialmente no Paraguai e que ele próprio tinha sido afastado do mesmo. Embora não o admitisse explicitamente, González passava a ter consciência de que as possibilidades reais de um retorno desvaneciam-se progressivamente. Restava-lhe cuidar de sua imagem para a posteridade: assim,

aconselhava a amigos, como Morínigo, a não conspirarem – numa última tentativa de não ser mais associado a manobras violentas para recuperar o poder, ao mesmo tempo em que evitava deliberadamente emitir juízos sobre o governo de Stroessner, para se dedicar exclusivamente à atividade intelectual, última escolha para alçar à redenção de sua memória.

Pelo contrário, as missivas de Víctor Morínigo não deixam dúvidas sobre seus anseios de voltar ao Paraguai de qualquer maneira. Com a morte súbita de González, causada por uma parada cardíaca poucas horas antes de seu retorno definitivo a seu país em 1966 – o que para alguns, levanta a suspeita de se efetivamente tratou-se de uma morte natural – Morínigo renunciou a seu cargo como embaixador e entrou em um claro declínio político e econômico chegando a falecer em Assunção, em 1981, segundo seu biógrafo, sozinho e na pobreza (VALIENTE, 2004).

Considerações Finais

Ao assumir o completo controle do governo nacional, do Partido Colorado e das Forças Armadas, após 1956, Stroessner tinha efetivado uma faxina tão eficiente que a grande maioria de seus rivais partidários não estavam mais no país e não tinham condições de voltar. A opção para muitos deles foi a de aceitar a “recompensa” diplomática que lhes garantia o sustento econômico, além de algumas regalias culturais e políticas.

Apesar do claro desagrado que intelectuais como González e Morínigo sentiam em relação ao “loiro” Stroessner, aceitaram a contragosto apoiá-lo através do apaziguamento das tentativas de recuperar o poder nacional e/ou

partidário. Desse modo, Stroessner obtinha o apoio de vários setores do partido, construindo um “consenso” forçado que lhe garantia a distanciamento de seus adversários, a defesa de sua imagem como um governante democrata e o adormecimento dos conflitos endêmicos do Partido Colorado que tinham impedido a permanência de figuras como González e Chaves na presidência.

Essa expulsão “concordada” de seus adversários políticos, permitiu a Stroessner empreender um governo caracterizado não somente pela repressão e sim pela permanência de práticas e figuras políticas que garantiram uma sobrevivência excepcional a seu regime.

Referências

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONZÁLEZ DELVALLE, A. **La hegemonía colorada, 1947-1954**. Assunção: El Lector, 2011. (Coleção La Gran Historia del Paraguay, 12).

NERI FARINA, Bernardo. **El Partido Colorado y la Dictadura de Stroessner**. Assunção: Occidente, 2011 (Coleção Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011, v.10).

_____ e BOCCIA PAZ, A. **El Paraguay bajo el Stronismo (1954-1989)**. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011. (Coleção La Gran Historia del Paraguay, 13).

PRIETO YEGROS, Leandro. **El Reencuentro Partidario del Coloradismo**. 27 de octubre de 1955. Assunção: Cuadernos Republicanos, s/d.

SEIFERHELD, A. e TONE, J. L. **El asilo a Perón y la caída de Epifanio Méndez**. Una visión documental norteamericana. Assunção: Histórica, 1988.

VALIENTE, Marcial. Prólogo. In: MORÍNIGO, Víctor. **Ensayos y Escritos**. Assunção: Cuadernos Republicanos, 2004.

YANKELEVICH, Pablo. México-Argentina: Itinerario de una relación. 1910-1930. **Tzintzun. Revista de Estudios Históricos**, México: s/d, 2007, N.45.